



Dossiê Olhares cruzados entre pesquisas em sociologia rural no Brasil e no Norte da África

Sobre o uso apropriado da etnologia¹

Pierre Bourdieu

Mouloud Mammeri

Tradução: Alessandro Arbarotti²

On the proper use of ethnology

Introdução à tradução brasileira

Embora apresentado como entrevista, este texto seria melhor definido como um diálogo. Uma conversa entre dois pensadores marcados pelo processo de independência da Argélia e pelo contato com suas comunidades rurais.

Antes de se tornar uma referência na sociologia internacional, consagrado dentro e fora dos muros físicos e simbólicos de Paris, Pierre Bourdieu teve sua infância marcada pela sociabilidade camponesa da região do Béarn, no sudoeste da França. Depois de licenciado em filosofia pela *École Normal Supérieur* de Paris, Bourdieu seguiu para a Argélia, em 1955, para realizar seu serviço militar. Foi justamente neste período da Argélia que seu engajamento na sociologia seria definido, mediante o trabalho de campo que ele faria junto ao campesinato Cabila. Cinco anos depois, quando de sua volta à França, o estudo sobre os Cabila seria a referência para a condução da pesquisa que ele próprio realizaria sobre o desenraizamento do campesinato de Béarn, sua região natal, no início da década de

1 Traduzido do artigo de Pierre Bourdieu et Mouloud Mammeri, *Du bon usage de l'ethnologie*. Actes de la recherche en sciences sociales, número 150, décembre 2003, p. 09-18. Tradução: Alessandro Arbarotti. Revisão técnica: Rodrigo Constante Martins – <http://orcid.org/0000-0003-2700-3319>
 2 LEESU – Ecole des Ponts ParisTech, Marne-la-Vallée, France – arbarotti@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-9318-3322>

1960. Os resultados desses estudos são apresentados, de maneira mais sistemática, nos trabalhos *Sociologie de l'Algérie*, de 1958; *Travail et travailleurs en Algérie* (com Alain darbel, Jean-Paul Rivet e Claude Seibel), de 1963; *Le déracinement: la crise de l'agriculture traditionnelle en Algérie* (com Abdelmalek Sayad), em 1964; *Esquisse d'une théorie de la pratrique, précédé de trois études d'ethnologie kabyle*, de 1972; e *Algérie 60: structures économique et structures temporelles*, de 1977.³

Mouloud Mammeri, por sua vez, era um Cabila. Escritor e poeta berber, foi professor de língua berbere na Universidade de Argel, onde dirigiu o Centro de Pesquisas Antropológicas, Pré-Históricas e Etnográficas. Presidiu a União de Escritores Argelinos e foi um dos líderes da resistência Cabila à “arabização” forçada pelo Estado argelino.

O primeiro contato entre Bourdieu e Mammeri decorreu dos diálogos que o primeiro faria, entre 1956 e 1957, com universitários de esquerda e intelectuais de oposição à política francesa para a Argélia. Em pesquisa recente realizada nos arquivos pessoais de Pierre Bourdieu, Amín Pérez encontrou exemplares de *L'Espoir Algérie* – publicação da *Fédération des Libéraux d'Algérie* (FLA) – e, particularmente, números com textos de Mammeri, seguidos de anotações do sociólogo francês. Estes textos provocaram o primeiro esforço de Bourdieu para o contato com Mammeri, logo após o fim de seu serviço militar, em dezembro de 1957⁴. A partir de então, a interlocução entre os jovens autores ganharia fôlego e proximidade, e a posição anticolonial do sociólogo colocaria em cheque sua já frágil adesão à etnologia francesa.

Em 1978, Bourdieu publicou no *Actes de la Recherche em Sciences Sociales* (ARSS) uma entrevista feita por ele com Mammeri, sobre a poesia oral entre os Cabila⁵. Na década seguinte, em 1985, para o primeiro número da revista *Awal*, Mammeri realizou uma entrevista com o Bourdieu sobre “o bom uso da etnologia”, na qual o sociólogo francês retomaria seus trabalhos de campo com os camponeses Cabila e com os camponeses de Béarn. A entrevista seria publicada no ARSS em 2003, ano seguinte à morte de Bourdieu.

3 A referência aos Cabila foi recorrente na trajetória de Bourdieu. Para além dessas obras, efetivamente dedicadas aos estudos da Argélia, referências sistemáticas à etnografia Cabila ainda apareceriam nos trabalhos *Le sens pratique* (1980), *La domination masculine* (1998) e *Esquisse pour une auto-analyse* (2004). A etnografia sobre o campesinato de Béarn foi publicada em formato de artigos no início da década de 1960 e reunidos em livro na obra *Le bal des célibataires: crise de la société paysanne em Béarn* (2002).

4 Amín Pérez, *Combattre en sociologues: Pierre Bourdieu & Abdelmalek Sayad dans une guerre de libération (Algérie, 1958-1964)*, Marseille, Agone, coll. « L'Ordre des choses », 2022

5 No Brasil, a tradução deste artigo foi publicada em 2006, no volume 26 da Revista de Sociologia e Política, dedicado ao dossiê *Pierre Bourdieu no campo*. O texto traduzido foi intitulado “Diálogo sobre a poesia oral na Cabília: entrevista de Mouloud Mammeri a Pierre Bourdieu”.

Publicada agora pela primeira vez em português, a entrevista de 1985 revela o diálogo entre os pensadores e seus respectivos olhares para temas que seguem contemporâneos na sociologia do Século XXI, tais como a importância do trabalho etnográfico, a produção do saber colonial, a complexidade do lugar de fala e a experiência camponesa marcada pela colonialidade. Esses temas aparecem no diálogo não como produtos teóricos ou como simples sistematização de conceitos. O diálogo com Mammeri revela como, em Bourdieu, os avanços analíticos na sociologia são necessariamente produzidos empiricamente.

Tanto no Béarn como na Argélia, a empiria em Bourdieu permitiu a formulação da problemática do “choque de civilizações” com a deflagração da competição individual, que teriam impactos multifacetados na estrutura social e nas subjetividades camponesas, atuando sobre o comportamento e as estratégias dos agentes individuais. Nesse contexto, formas de agir e sentir foram redimensionadas também como conflitos e/ou resistências, podendo ser acompanhadas nas narrativas camponesas sobre as estratégias matrimoniais, os modos de sucessão, a desonra, a tragédia, a zombaria etc.

Nesta entrevista, embora atravessada pelas dimensões do fazer na etnologia, nenhum dos autores recorre ao debate escolástico sobre estrutura e tempo histórico, tal como feito no conhecido debate francês envolvendo Fernand Braudel e Claude Lévi-Strauss⁶.

Em seu *Esboço de auto-análise*, Bourdieu diria que sua passagem da filosofia à sociologia teve nessa experiência argelina seu momento crítico. O texto que segue traz fatos e impressões importantes sobre essa passagem.

Rodrigo Constante Martins

Departamento de Sociologia, Universidade Federal de São Carlos

Introdução à publicação no *Actes de la Recherche em Sciences Sociales* (n. 150, dezembro de 2003)

É com Mouloud Mammeri (escritor cabila) que Bourdieu retorna, no momento do lançamento da revista *Awal*, em 1985, à importância da relação com o campo e às dificuldades inerentes à apreensão do objeto, como as questões de taxonomia que preocupam mais os etnólogos do que o próprio grupo estudado. Nomear, classificar, tem de fato a função de estabelecer uma hierarquia

6 Os marcos iniciais deste debate são os textos *História e etnologia*, publicado por Levi-Strauss em 1949, na *Revue de Métaphysique et Morale*, e a reação de Braudel em 1958, no texto *História e ciências sociais: a longa duração*, publicado na revista dos *Annales*.

e, por definição, de atribuir uma identidade de acordo ou não com a “verdade” do mundo social, aquilo que este último, do fato da sua elasticidade, é tanto vontade quanto representação. A observação participante revela uma série de obstáculos ligados às denominações que variam em função dos grupos, das situações políticas e dos agentes, enquanto que a tendência de muitos etnólogos é a reificação. A entrevista retorna sobre o fato de que nomear é também “fazer existir”; nisso, reside a importância da linguagem e do seu poder de designação nas sociedades em crise de identidade. A experiência cabila permite a Bourdieu deduzir que uma etnologia bem feita assume o papel de psicanálise social quando o presente e o passado estão entrelaçados, como é o caso da colonização na Argélia, e que é impossível se projetar no futuro sem voltar à História que os agentes tendem a reprimir. Por meio do jogo da auto revelação, esse diálogo permite ao etnólogo – que é proveniente de uma região dominada dentro de um universo dominante – fornecer ao outro ferramentas científicas e intelectuais. A etnologia é, desde esse ponto de vista, a disciplina apropriada: ela participa da reflexão sobre si, que é indispensável para o conhecimento do outro.

Tassadit Yacine

Laboratório de Antropologia Social, *École des Hautes Études em Sciences Sociales* de Paris

Entrevista

Mouloud Mammeri – Talvez você se lembre da entrevista que tivemos sobre a poesia cabila e que você publicou na revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, em 1978⁷. Era sobre uma questão precisa. Repensando desde então, pareceu-me que ela levantava uma série de questões de ordem mais geral. Não estou falando dos problemas clássicos que são colocados ao etnólogo, mas eu estou pensando em um ponto mais preciso. Existe atualmente uma etnologia ou antropologia argelina e, de uma forma mais circunscrita, cabila ou berbere. Mas, para alguém que é originário da sociedade cabila, é evidente que isso representa um problema particular. Dado que é sua própria sociedade que ele estuda, eu me pergunto qual o grau de validade das conclusões que ele pode tirar.

Pierre Bourdieu – Eu poderia responder de duas maneiras: por um lado, situando-me em um nível estritamente epistemológico e, por outro lado, e isso é o que eu farei, situando-me em um ponto de vista sociológico. De fato, estou ciente das resistências à etnologia e aos etnólogos, e estou profundamente

7 N. T. Artigo disponível em português: Diálogo sobre a poesia oral na Cabília: entrevista de Mouloud Mammeri a Pierre Bourdieu <https://doi.org/10.1590/S0104-44782006000100006>

convencido de que vale a pena tentar estudá-las e superá-las. É por isso que eu tentarei responder primeiro por analogia com a minha própria experiência.

Eu fiz algo bastante similar ao que você faz, visto que eu trabalhei com uma sociedade que, a propósito, é muito parecida com a sociedade cabila: a sociedade béarn⁸. O que caracteriza em particular a situação na qual procuramos entender uma sociedade com ferramentas que foram forjadas por toda uma tradição antropológica acerca de sociedades extremamente diferentes, principalmente as sociedades melanésias ou americanas? Devo dizer, antes de tudo, com toda franqueza, que há certo número de perguntas que eu nunca teria tido a ideia de fazer à sociedade béarn, se eu não tivesse feito antropologia: mesmo sobre as questões de parentesco que ainda são extremamente importantes para os próprios agentes – fala-se somente disso, praticamente, nessas sociedades, por meio das questões de transmissão de patrimônio, de herança, os problemas colocados pelas relações ou conflitos entre pais etc. –, eu não tenho certeza se teria reinventado tudo o que ensina a tradição dos estudos de parentesco e a questão que ela implica. Em outras palavras, existe uma cultura técnica que é indispensável para evitar fazer outra coisa que apenas a gravação um pouco ingênua do dado tal como é ele se mostra. A importação de questões estrangeiras, internacionais, dá uma distância e uma liberdade: ela permite não ficarmos agarrados à realidade, às evidências, à intuição nativa, que faz com que entendamos tudo e nada ao mesmo tempo. Isso é o que faz a diferença entre a etnologia espontânea dos amadores e a etnologia profissional.

Por exemplo, com relação à Cabília, é muito surpreendente constatar que, até muito recentemente, por razões históricas complicadas, os estudos cabilas tinham permanecido quase completamente fora de todas as correntes intelectuais (com algumas raras exceções). Existe uma espécie de etnologia espontânea, produzida tanto pelos administradores civis quanto pelos militares, que aplicavam as categorias que eles tinham em mente, ou seja, frequentemente categorias jurídicas (no caso de Hanoteau⁹ e Le Tourneau¹⁰, isso é óbvio). Sendo

8 N. T. *Béarn* é uma antiga província francesa que atualmente faz parte da região Nova Aquitânia, no sudoeste do país.

9 N. T.: Adolphe Hanoteau foi um general francês que realizou estudos sobre a sociedade Cabília. Para saber mais consultar: « Adolphe Hanoteau (X 1832, 1814-1897: une passion pour le monde Barbère » Salhi (2019) (N.T.). <https://doi.org/10.4000/sabix.2560>

10 N. T.: Roger Le Tourneau foi um historiador francês, licenciado pela École Normale Supérieure e especialista na história do norte da África, particularmente nos três países do Maghreb – Argélia, Marrocos e Tunísia. Foi professor na Université d'Aix-Marseille, na Universidade de Argel (Argélia) e na Universidade de Princeton (Estados Unidos). Dentre outros, publicou em 1969 a obra *The Almohad Movement in North Africa in the 12th and 13th Centuris* (re-editada em 2015 pela Princeton Legacy Library)

essas categorias muito inadequadas, muitas vezes, eles não viam coisa alguma ou, mais exatamente, não viam realmente aquilo que viam, porque, de acordo com a imagem de Heidegger, eles não viam os óculos que estavam na ponta dos seus narizes e que lhes permitiam ver aquilo que eles viam, *e somente isso*¹¹. No caso da Cabília, como em Béarn, houve também uma espécie de literatura espontânea, muitas vezes produzida por professores originários do próprio país: por exemplo, um certo Tucac, um professor, tinha feito uma pequena monografia de sua aldeia do Béarn e, durante anos, era tudo o que havia sobre Béarn; os raros etnólogos que conheciam os problemas da etnologia europeia (e havia alguns muito bons, como Marcel Maquet, antes do renascimento dos anos 60) falavam do *besiat* (o conjunto de vizinhos, *lous besis*) como uma estrutura típica da sociedade béarn.

Houve muita literatura desse tipo na Cabília, que, aliás, não eram as piores, e que pelo menos fornecia boas descrições. Mas a familiaridade faz com que haja perguntas que não pensamos nem mesmo em fazer, por serem tão óbvias. Por exemplo, em um dado momento, considerando o papel do ferreiro no sistema de práticas e de representações rituais na Cabília (eu tinha em mente a questão da diferença entre a estrutura espacial de uma forja e a de uma casa), eu estava procurando uma boa descrição de uma forja de outrora. Eu encontrei em tudo que olhei apenas uma, em Boulifa¹², porque as pessoas não se interessavam por isso, por falta de problema a esse respeito. E tenho quase certeza que, se Boulifa deu uma descrição da forja em seu manual de linguagem cabila destinado aos professores de Bouzaréa, é porque ele tinha em mente os manuais da escola primária francesa, em que havia sempre uma forja e um ferreiro...

Mouloud Mammeri – Eu também acho o mesmo. Eu simplesmente me pergunto se não deveríamos fazer justiça a alguns desses etnólogos espontâneos. Creio que nenhum deles (exceto talvez um, Masqueray, o da “*La Formation des cités*”, mais naturalmente que o de “*Souvenirs et visions d’Afrique*”)...

Pierre Bourdieu – Masqueray era um homem muito culto, mas sua ciência era obviamente muito datada.

Mouloud Mammeri – Creio que nenhum deles realmente tinha o projeto de explicar a sociedade cabila. Creio que, acima de tudo, eles queriam torná-la conhecida e, no que diz respeito à documentação, eu devo dizer que, pessoalmente, acho muito bem fundamentada e geralmente muito precisa. Sobre o ponto específico da poesia, por exemplo, eles salvaram produções, sobre as

11 N.T. Itálico no original.

12 Ammar ben Saïd ben Ammar Boulifa (1863-1931 Argélia), é um escritor, linguista e sociólogo cabila.

quais precisamente se pode agora exercer uma reflexão mais crítica ou erudita. Outro exemplo é o dos *Pères blancs*¹³...

Pierre Bourdieu – O que torna o trabalho dos *Pères blancs* tão interessante é, paradoxalmente, que eles não tinham um problema estritamente etnológico ou sociológico. Digo isso, é evidente, forçando um pouco o paradoxo, e muitas vezes me ocorreu, ao ler suas transcrições, de lamentar que eles não tivessem tido um mínimo de cultura etnológica que lhes teria permitido ir um pouco mais longe em seus questionamentos ou descrições (por exemplo, da casa ou sobre algum ritual), em vez de ficarem satisfeitos com a gravação do que lhes foi dito. Dito isso, na medida em que queriam antes de tudo coletar o discurso e transcrevê-lo o mais exaustivamente possível, eles coletavam tudo, sem distinção, sem fazer muitas perguntas sobre a relevância etnológica e, assim, eles entregam um tesouro de recursos inexplorados, no qual todos os etnólogos profissionais, eu mesmo o primeiro, tiraram muito proveito.

É por isso que eu acredito que o acesso a um problema teórico internacional é importante. Eu penso – e eu tomo a liberdade de dizê-lo porque eu acredito profundamente – que você teve um papel muito importante na Argélia independente, ao continuar a criar uma tradição nacional de etnologia científica, colocando em prática métodos e conceitos comprovados. Isso é muito importante, tanto por razões científicas quanto políticas: a atitude que consiste em recorrer à familiaridade do nativo ou à denúncia do colonialismo para repudiar toda a tradição científica tem efeitos bastante catastróficos. No que me concerne, se eu entendi alguma coisa sobre a sociedade béarn, é que, quando eu comecei a estudá-la, eu tinha em mente problemas muito gerais, como a questão da relação entre estruturas de parentesco e as bases econômicas, e também todas as minhas histórias cabilas: eu queria ver, por exemplo, se as estratégias matrimoniais variavam de acordo com o modo de sucessão, com o direito de nascimento (*le droit d'aînesse*), por um lado, e a partilha em partes iguais com a não-divisão (*indivision*), por outro.

Mouloud Mammeri – No Béarn, você tem a tradição do direito do primogênito...

Pierre Bourdieu – Sim. Como eu tinha a comparação em mente, eu pude ver coisas que eu não teria visto se eu tivesse ficado na relação de familiaridade nativa. Mas essa relação de familiaridade também me permitiu ver coisas que eu não via quando eu não estava no meu universo.

13 Ordem de missionários católicos com atuação na África, fundada em 1868 por Dom Charles Lavigerie, arcebispo de Argel.

Mouloud Mammeri – Às vezes, eu me pergunto se, para um etnólogo que estuda sua própria sociedade, essa relação de familiaridade não foi fragilizada há muito tempo. Na grande maioria dos casos, ele teve que deixar muito cedo sua sociedade e se acostumar ao novo mundo no qual entrara, ou seja, o mundo ocidental, geralmente pelo intermédio da escola. Ele aprende desde cedo às suas próprias custas que as coisas que lhe pareciam as mais familiares, precisamente, não o eram. É curioso constatar que, em um âmbito completamente diferente, o da ficção, esse fenômeno da ruptura de uma familiaridade tradicional deu origem, tanto em inglês quanto em francês, a toda uma produção literária, romances, peças de teatro etc., naturalmente sempre em uma língua ocidental.

Pierre Bourdieu – Do fato de ser nativo, a condição de saber tudo o que isso significa, isto é, tudo o que isso esconde (e isso esconde muito: tudo o que é evidente), existem vantagens extraordinárias. Por exemplo, uma das coisas mais difíceis para um etnólogo é saber o que é importante ou o que não é, o que é sério ou o que não é, a justa ponderação das coisas.

Mouloud Mammeri – Eu acho que é muito difícil, por razões concretas: de língua, de hábitos culturais etc.

Pierre Bourdieu – Eu acredito que, muitas vezes, ele nem mesmo se pergunta. Quando eu trabalhava a respeito da Cabília, eu sempre me dizia: “Se fosse um velho camponês do Béarn que me dissesse isso, o que isso significaria?”. Eu não tinha dificuldade em imaginar o que pensaria um camponês do Béarn sobre um etnólogo um pouco ingênuo, cheio dessa boa vontade irrisória que o define profissionalmente: ele é um cara da cidade, ele é gentil, ele têm uma cara boa, ele me escuta, ele é educado... Além disso, ele é francês... Em situação colonial, respeitamos esse tipo de respeito... Dito isso, temos uma relação um pouco protetora: explicam gentilmente a ele os valores oficiais do grupo, a honra, tudo isso... Não vão contar para ele as anedotas que, no entanto, formam o essencial. (Eu redescobri tudo isso quando comecei a estudar sobre o mundo universitário e intelectual: o mais importante só é revelado nos pequenos casos particulares, que fazem fronteira com os boatos...). Dito de outra forma, para ser bem honesto, contam para ele histórias que não são exatamente verdadeiras.

Mouloud Mammeri – Talvez o próprio fato de ser um etnólogo, ou seja, alguém que não é diretamente implicado e que vem de fora, crie uma espécie de relação particular entre ele e aqueles a quem ele próprio chama de seus informantes. Ele coloca, de certa forma, o informante na condição, na postura de alguém que “responde para”, e me parece que o discurso que ele mantém para um pesquisador estrangeiro, que ele sente que é evidentemente estrangeiro e simpático, não é o mesmo que ele manteria com outro camponês cabila ou de

béarn, porque talvez ele não coloque ênfase nas mesmas coisas. Isso provavelmente falseia muito a comunicação.

Pierre Bourdieu – Com certeza! Nem que fosse porque o outro lhe diria: “Olhe, está tudo bem, não me conte falsas histórias”.

Mouloud Mammeri – O paradoxo, pelo menos aparentemente, é que, mesmo quando ele “interpreta” desse modo o informante, está agindo de boa-fé etc.

Pierre Bourdieu – Sim, e isso em parte por respeito...

Mouloud Mammeri – Ele sistematiza, penso eu, qualquer coisa que não é sistemática na realidade, porque ele se diz: “Tenho que dizer-lhe coisas que sejam consistentes, que sejam coerentes” etc. Muitas vezes, mais ou menos conscientemente, ele também advoga: ao estrangeiro, deve-se sempre enfrentá-lo, mesmo que, como aqui, em uma espécie de cumplicidade pacífica.

Pierre Bourdieu – Exatamente! Dito isso, também pode acontecer com um nativo burguês da cidade: também funciona muito bem... Eu muitas vezes vi na Argélia meninos ou meninas que se sentiam um pouco culpados em relação ao povo, especialmente durante o período revolucionário, que precisavam dessas histórias e que, portanto, aceitavam-nas tal qual. Eu acho que existe uma espécie de troca, um engano a dois, no qual ninguém tenta enganar. A pessoa entrevistada torna-se etnóloga; ela se encontra num nível em que ela diz: “Honra, eu lhe direi o que é...”. Ela vai procurar os ditados, os provérbios, as definições, a história tradicional daquele que tinha dito a sua esposa: “Se eu sou desonrado” etc. Em resumo, a situação de pesquisa dá origem a toda uma confusão do discurso convencional, que nada tem a ver com o que recebemos assim que dizemos: “Mas vejamos, conte-me a história do casamento de um fulano que causou escândalo. Uma história verdadeira!” Existe entre os camponeses de béarn uma tradição de discurso sentencioso, reforçada pelas “redações” da escola primária, que encanta os filósofos (heideggerianos) rurais. Este tipo de discurso oficial, destinado as trocas oficiais, não é falso. Ele é o que deve ser dito em situações de representação; ele faz parte das estratégias de apresentação de si.

Isso é verdade em todos os círculos. Mas a característica da postura populista, da qual a efusão etnológica é um dos aspectos, é que ela conduz a se contentar com esse discurso cerimonial. O que é um informante senão esse personagem muito respeitável a quem você é encaminhado? Você é sempre encaminhado a pessoas idosas muito dignas, que “conhecem bem”, que são consideradas como sábias, que falam balançando a cabeça, seriamente, que querem parecer bem, para si mesmas e para todo o grupo, do qual elas são um pouco os porta-vozes. Tudo muda quando rompemos esse discurso oficial nos referindo a casos concretos, ou deixando claro que conhecemos as anedotas. O que é uma forma de

trazer ao ordinário, não oficial, de falar das coisas da vida. Isso é, com os nomes próprios, de coisas precisas, e não de grandes declarações vagas sobre a honra ou a desonra em geral. Portanto, não é mais a mesma coisa.

Mouloud Mammeri – No que diz respeito à sociedade cabila, o que poderíamos dizer sobre ela é que, penso eu, ambos os discursos são igualmente verdadeiros, mas não funcionam, de alguma forma, no mesmo nível de verdade. A realidade simples é naturalmente aquela do discurso ordinário, mas, em certas circunstâncias, justamente o homem mais ordinário conhece e se sente vinculado pelo discurso preparado, oficial etc. Ele está encurralado, por assim dizer. “Você reconhece o valor desse discurso, o preparado? Então você não tem mais escolha: você lhe assemelha aos teus atos”. Isso geralmente leva à tragédia (é raro, mas existe) e talvez a maior ocorrência de um ou outro dos dois casos dependa, independentemente do temperamento individual (dados obviamente impossíveis de serem levados em conta), de parâmetros que podem ser identificados pela análise.

Eu acredito que o status social, o lugar em que estamos situados na hierarquia, é um dos parâmetros mais importantes: quanto mais possuímos uma condição de prestígio (as grandes famílias), mais nós somos obrigados. Também a época: antes da colonização, o código do *nifera* imperativo, o que significa que a realidade não estava muito longe do discurso. Durante o período colonial, o exílio dos homens, a existência dos tribunais e o simples contato com uma sociedade em que as mesas são diferentes fazem que, dessa vez, a discrepância cresça entre as petições de princípio convencionais e as condutas reais. A guerra de libertação e de independência ampliou a lacuna: o discurso “preparado” se torna mais raro; ele aparece cada vez mais como anacrônico; ele continua a ser mantido, é verdade, mas acredito que isso se deve ao fato de que a língua ainda não elaborou formas de discurso que possam substituí-lo. Ele está sendo construído em torno de valores como a reivindicação da identidade, mas que naturalmente levará algum tempo para ser aperfeiçoado e assim poder substituir o outro, modificá-lo ou coexistir com ele: a tribo perde as palavras muitas vezes bastante tempo depois de ter perdido a coisa.

Isso para dizer que o discurso do informante mais conhecedor precisa sempre ser decodificado, porque eu imagino que o mesmo se aplica a um camponês de béarn, uma espécie de porta-voz autorizado, investido, por sua posição e pelos outros, com o papel de dizer-lhes; poderíamos quase acrescentar: de dizer-lhes, na melhor das hipóteses, quando ele dá a versão “revistida” do *besiat*.

Pierre Bourdieu – Sim, você está absolutamente certo: os dois modos de discurso fazem igualmente parte da realidade. E seria absurdo privilegiar o

discurso ordinário, que podemos manter entre si, como mais verdadeiro, mais autêntico, comparado ao discurso formal, na forma, de situações extraordinárias, entre as quais a relação de pesquisa como relação com um estrangeiro. Os dois são verdadeiros. Mas o etnólogo, se ele não desconfia, ele tem todas as chances de conhecer apenas um. É por isso que deve ser feito um trabalho intenso, o que implica muita informação prévia, para fugir da pregação moralista sobre o *aounou* (a honra) ou o *nif*. Vemos então surgir as dificuldades, os conflitos e também as coisas que podem ser de uma brutalidade então extraordinária. Um velho informante, a quem eu havia pedido para me contar um caso dramático, que eu havia ouvido falar, de conflito familiar sobre o casamento do filho mais velho, dizia-me que o pai havia dito a seu filho, que queria “fugir” do casamento com uma menina pobre: “Mas o que ela vai trazer? – Seu sexo”! Ele nunca teria me dito isso, se eu não o tivesse posto no terreno das realidades cotidianas. Creio que existe um lugar para uma etnologia extraordinária, que seria feita por pessoas capazes de ir além das generalidades normativas e de conduzir a pesquisa em uma situação natural, em relações normais, sem sequer ter que questionar.

Mouloud Mammeri – No caso do informante nativo, para ir ao encontro do que você diz, existe ainda um obstáculo adicional: é que, quando os outros percebem que o cara está fazendo algo como um estudo sobre isso, eles tendem a...

Pierre Bourdieu – A zombar dele...

Mouloud Mammeri – Eles tendem a zombar dele, sabendo que ele é do vilarejo (*bled*¹⁴), que ele conhece muito bem as coisas das quais eles lhe falam. Nesse caso preciso, eles consideram que ele mudou de papel e eles contam para ele a história tal como ela deve ser contada.

Pierre Bourdieu – Uma espécie de versão oficial...

Mouloud Mammeri – É isso. Eu tenho exemplos específicos da mesma história, que me foram contadas, sabendo quem eu era etc., e depois, totalmente por acaso, em um ônibus, a mesma história me foi contada, mas por alguém que não sabia quem eu era ... Havia um mundo entre as duas!

Pierre Bourdieu – E o que contava essa história?

Mouloud Mammeri – Um assunto de adultério, algo muito trágico na Ca-bília, pelo menos de acordo com o antigo código. A primeira versão era impecável, de acordo com as antigas leis: é preciso reprimir, a honra exige etc. Porém, quando um homem, que estava diretamente implicado nisto (ele não estava no interior do ocorrido, mas, ainda assim, ele estava muito próximo), contou-me

14 N.T. Expressão utilizada para designar o país de origem e/ou vilarejo rural de origem.

isso, sem saber, porque surgiu na conversa, pareceu que havia muitas acomodações, compromissos etc.; o código de honra é muito bonito, mas pode arrancar nossa pele; é preciso talvez tomar algumas precauções. É um jogo completo...

Pierre Bourdieu – Eu penso que o etnólogo só pode escapar um pouco da ingenuidade se ele tiver em mente que a realidade é infinitamente mais complicada, e se, tendo isso em mente, ele for capaz de obter e dominar a informação útil. O que não é fácil, porque, para seguir as histórias tão complicadas como as histórias de parentesco cabila ou béarn, é um trabalho e tanto: as informações relevantes estão nas alusões, nas sutilezas, que temos dificuldade de entender no seu próprio país... Isso é o que me faz pensar que uma etnologia que, com a força de toda uma tradição teórica, teria além desse tipo de senso de finesa, de sutilezas, de compromissos, representaria uma revolução e faria aparecer que a diferença que fazem entre etnologia e sociologia não existe. Eu penso que a diferença é essencialmente o fato de que a relação com o objeto é diferente.

Mouloud Mammeri – É um pouco o que mostra seu próprio trabalho, seu próprio itinerário. Em particular, o fato de você ter vivenciado concretamente esse problema de relações entre sociologia e etnologia, o que, à primeira vista, pode parecer assunto de debates puramente acadêmicos; isso certamente te ajudou nas soluções que você apresentou.

Pierre Bourdieu – Sim, eu acho que sim. Eu mencionei anteriormente os discursos sobre a noção de *besiat*, o conjunto de *besis*, de vizinhos. Falava-se sobre isso como se se tratasse de uma unidade social bem delimitada. Eu jamais havia ouvido falar de tal coisa. *Lous besis* são os vizinhos. Há algumas circunstâncias nas quais isso é um pouco formalizado, porque há problemas de protocolo: em particular, por ocasião de funerais. É bastante formalizado para evitar os conflitos (na Cabília, é igual: formaliza-se para que não haja conflitos, quando há riscos, para os grandes casamentos exteriores, por exemplo). Eles dizem: “O primeiro vizinho, é o da frente, o segundo é o que está a direita, o terceiro é o que está a esquerda”; algo assim. Isso dito, isso existe no papel. Em primeiro lugar, estamos muitas vezes em desacordo com os vizinhos; em seguida, há vizinhos de casa e vizinhos de terra (o que não é de modo algum a mesma coisa). E depois, existe toda uma casuística. Em certas ocasiões, pode-se convidar esse vizinho ou aquele outro em uma ocasião distinta.

Sobre a Cabília, eu também me perguntava como o vilarejo estava organizado; deram-me diferentes divisões, com nomes diferentes: em um lugar, *adrum*; em outro, *taxerrubt*; ora *adrun* engloba *taxerrubt*, ora é o oposto. Diante dessas incoerências, eu pensava: “Eu devo ter anotado errado”. Eu queria criar um esquema limpo, “perfeito”, com unidades encaixadas, da “casa” até à “tribo”, como

havia feito o General Hanoteau. Foi publicado um artigo na revista *L'homme*¹⁵, de Jeanne Favret... Impecável! Hanoteau melhorado! E eu tinha sempre em mente *lou besiat* e dizia para mim mesmo: “Eles estão sendo enganados, eles reificam unidades ocasionais; isso existe, mas não como pensamos”. Isso se encaixa no que você estava dizendo há pouco: tudo pode se negociar, tudo pode se discutir. Uma história de casamento: podem contá-la de trinta e seis maneiras, dependendo da pessoa a quem ela é contada. Isso é o que tentamos mostrar com Sayad sobre os casamentos: o casamento com a prima paralela é muitas vezes um desastre, porque a menina é deficiente ou deformada, o que requer a todo preço a dedicação de alguém; entretanto, ela é apresentada como formidável, porque ela está nas regras. Em outras palavras, existe um enorme trabalho, um trabalho propriamente político. Foi realmente isso o que eu aprendi na Cabília: os homens (eu acredito que seja universal) manipulam a realidade social. Essa realidade existe em grande parte no discurso.

Mouloud Mammeri – Eu acredito que podemos eliminar o inconveniente, assim que nos damos conta (e, portanto, que admitimos) que existe, em todas essas designações de grupos, uma espécie de inflação nominalista. Dar um nome simplifica ao mesmo tempo em que tranquiliza. O segredo é saber a que cada uma dessas designações corresponde exatamente... Pessoalmente, eu tenho a impressão... eu não sei como dizer ... que elas todas existem, mas de alguma forma virtualmente, ou melhor, algumas quase sempre e realmente ... eu não sei, por exemplo, *axxam*, *taddart*, *laârc* (a família, o vilarejo, a tribo) ... e muitos outros, elas estão como esperando para existir, esperando o quê?... Justamente a ocasião na qual elas vão ter um sentido e eventualmente funcionar: *adrum*, *taxerrubt*, *ssef* e *taqbilt* são algumas dessas noções. Mesmo seus significados são imprecisos, instáveis, e eu me dou conta apenas agora que, se eu tivesse que traduzir e dizer exatamente o que separa um *adrum* de uma *taxerrubt*, eu ficaria bastante aborrecido, e assim um Cabília pode viver uma vida inteira sem que jamais essas entidades interfiram em sua existência, e se a ocasião se apresenta – ou obriga – a reativá-las, o sentimento que se tem é tão turvo (por causa do não uso) que não se sabe mais muito bem o que se chama *adrum* e o que, ao seu lado, chama-se *taxerrubt*.

Pierre Bourdieu – Exatamente, os grupos existem antes de tudo no discurso. Assim que dizemos “os Cabílias”, isso existe um pouco. E, sobre isso, podemos manipular. Se eu mudar a maneira de designar as coisas, eu mudo um pouco as

15 N.T. Revista francesa de antropologia fundada em 1961 por Émile Benveniste, Pierre Gourou e Claude Lévi-Strauss.

coisas. Dizendo de outra forma, eu conto outra coisa. Dessa forma, voltamos à conversa que nós tivemos anteriormente, quando nós discutimos sobre aqueles poetas que eram, no fundo, profissionais da manipulação do mundo social.

Mouloud Mammeri – Absolutamente!... Profissionais da manipulação da linguagem e, conseqüentemente, da sociedade. Na mesma linha de ideias, eu não sei o que você pensa, mas me parece que é difícil escapar dessa tentação quase sempre inconsciente da manipulação. Eu me pergunto se eu posso citar o exemplo atual de alguns intelectuais cabilas que, de certa forma, estão tentando recuperar a sociedade cabila, uma sociedade, como eu deveria dizer... ideal?... mítica?... Podemos sempre dizer: essa imagem da sociedade cabila, do béarn ou da grega dos tempos homéricos, é mais ideal do que real. Mas quem define a realidade? Fica evidente que, na prática, por razões concretas óbvias (políticas, sociais, culturais), um intelectual cabila atual é muito requisitado no sentido de uma recriação ideal de sua própria sociedade, particularmente em reação à imagem depreciativa que tentam dar àqueles que a negam.

Pierre Bourdieu – Eu penso que a etnologia, quando bem feita, é um instrumento de autoconhecimento muito importante, um tipo de psicanálise social que nos permite captar o inconsciente cultural, que todas as pessoas nascidas em uma determinada sociedade têm em suas cabeças: estruturas mentais, representações, que são o princípio de fantasmas, de fobias e de medos. E é preciso incluir nesse inconsciente cultural todos os traços da colonização, o efeito das humilhações... Dizer que a etnologia é uma ciência colonial, portanto, boa para se jogar fora, é uma grande estupidez. Quando voltei a Argel e vi o que você estava fazendo, eu pensei: “Que milagre que a Argélia escapa desse tipo de reação¹⁶ estúpida!”

Mouloud Mammeri – Era muito isolado e mais tolerado do que realmente admitido ou, ainda mais, assumido. Os ideólogos não oficiais, duplicando ocasionalmente o discurso oficial, condenavam sem ouvir. No XXIV Congresso Internacional de Sociologia, realizado em Argel em março de 1974, o então Ministro do Ensino Superior e da Pesquisa Científica fez uma acusação em grande escala contra a etnologia, na linha de uma oposição maniqueísta: sociologia = sociedades desenvolvidas; etnologia = sociedades coloniais, portanto, a ser rejeitada *a priori*. Agora, pode-se também dizer que essa atitude é curiosamente a do camponês cabila ou béarn de que estávamos falando anteriormente.

16 Bourdieu utiliza o termo “*abréaction*” que vem da psicanálise. A definição desse termo no dicionário da academia francesa é o seguinte: “Reação emocional, espontânea ou provocada, que, ao ser externalizada, permite que o sujeito se liberte de uma repressão emocional”.

Porque devo dizer que, apesar dessa declaração de princípio, apesar desse discurso do porta-voz autorizado, o ministro nunca colocou nenhum obstáculo às pesquisas que estavam sendo feitas em etnologia. Por exemplo, nós pudemos, efetivamente, dedicar toda uma reflexão justamente ao problema que você está se referindo.

Pierre Bourdieu – Sim. Para voltar à nossa pergunta, eu penso que o que está em jogo é a capacidade de enfrentar a realidade, de olhar de frente a verdade. O que pode representar para esses jovens a “*kabylité*” originária? Uma espécie de fantasma do retorno à origem, à democracia originária?

Mouloud Mammeri – Tudo isso é, às vezes, verdadeiro e falso, na minha opinião; não sei o que você pensa...

Pierre Bourdieu – Sim. Aqui, novamente, a analogia entre o Béarn e a Cabília pode ser útil. No Béarn, existiam, em cada um dos pequenos vales, verdadeiras pequenas repúblicas autônomas, que tinham seus próprios costumes etc. Havia os *direitos costumeiros*, o equivalente ao *qanoun* cabila. Existem muitas analogias: os mesmos valores masculinos, os mesmos valores de honra, assembleias muito democráticas, em que as decisões são tomadas por unanimidade etc. Mas, ao mesmo tempo, essas sociedades eram extraordinariamente duras e violentas: era preciso ser duro para viver e sobreviver a cada instante. A sua vida estava em jogo em uma palavra... uma palavra infeliz. No tocante às sociedades pré-capitalistas, nós queremos que elas sejam ou o paraíso perdido ou a barbárie primitiva. Na verdade, é muito complicado: são sociedades que têm um encanto incrível, que produzem tipos de homens extraordinários e, em muitos aspectos, mais nobres e mais simpáticos do que nossos contemporâneos. Ao mesmo tempo, essas são sociedades muito difíceis de se viver, com formas extremamente duras de exploração e também com uma extraordinária violência física e simbólica. É por isso que esse tipo de exaltação populista do passado é, ao mesmo tempo, muito compreensível e muito perigoso.

Mouloud Mammeri – Mas você não tem a impressão de que é complicado, ainda mais pelo fato de que essas sociedades, a do béarn ou a cabila, estão – em todos os casos, mas, na Argélia, isso é muito claro para a sociedade cabila – em um estado de crise total? Então, realmente todas essas coisas que tínhamos a tendência de sistematizar, de estruturar, se vão ou já se foram. Assim, a pesquisa torna-se difícil.

Pierre Bourdieu – Você está certo em me corrigir... Esse estado originário, sem dúvida um pouco mítico, está totalmente abolido e querer revivê-lo agora é um pouco mistificador. Por exemplo, uma das bases dessa sociedade era a indivisão; a posse conjunta entre os irmãos era, creio eu, o fundamento de todo

o sistema. Entretanto, as rupturas da posse conjunta começaram no período entre as duas guerras mundiais. Havia até mesmo todos os tipos de estratégias para escondê-las. Essa sociedade havia sido atingida desde um longo período nos seus fundamentos próprios, pois, sem a posse conjunta, torna-se muito difícil fazer funcionar a relação entre os irmãos, entre as esposas, a unidade da casa, a autoridade do chefe da família, a honra e todo o resto. Em seguida, a guerra, particularmente com o reagrupamento de toda a violência, concluiu a alteração das estruturas sociais e das estruturas mentais. Em outras palavras, é completamente ingênuo ou perigoso esperar restaurar a antiga ordem social, quando as condições para seu funcionamento não existem mais de forma alguma.

Mouloud Mammeri – Em sua opinião, não se coloca um problema com a validade dos resultados? Seria certamente muito mais fácil tirar do antigo sistema uma série de conclusões rigorosas; havia uma coerência nessa sociedade. Agora, nesse estado de transição, a sociedade cabila ou béarn não é exatamente, ou mesmo de modo algum, a sociedade moderna. E ela não é mais o que ela era.

Pierre Bourdieu – Penso que uma série de coisas importantes devem continuar a funcionar de acordo com as antigas tradições. Por exemplo, com relação ao intercâmbio matrimonial, isso deve ter mudado muito (eu adoraria muito ver como acontece atualmente). Mas eu acho que é uma área em que, pelo menos no nível do discurso, pelo menos para justificar ou descrever, ainda se deve utilizar a antiga terminologia e todas as representações associadas. Da mesma forma, as estruturas mítico-rituais, as oposições entre o seco e o úmido, o masculino e o feminino, não funcionam mais como nos tempos em que os grandes ritos coletivos ainda eram praticados. Dito isso, elas ainda existem na cabeça das pessoas, na linguagem, por meio dos ditados... Como demonstrou Sayad, por exemplo, em relação ao *el ghorba*, os imigrantes, para pensar sobre suas próprias situações completamente novas, recorrem a todos os recursos do pensamento tradicional, como a oposição do Leste e do Oeste. Penso que precisamos conhecer essa lógica, sabendo que ela não funciona mais da mesma forma como funcionava outrora, e que temos uma espécie de estrutura ambígua, entre a lógica da divisão em classes e as antigas solidariedades. Seria necessário estudar as relações entre as estruturas familiares e as estruturas sociais... Como as unidades familiares, dilaceradas pelas desigualdades, conseguem sobreviver. Seria fascinante estudar um grande casamento cabila hoje em dia, com a reunião dos imigrantes e das pessoas que ficaram, as linhagens enriquecidas e as linhagens que permaneceram no vilarejo etc.

Tudo isso está sem dúvida muito longe da sociedade berbere com a qual alguns sonham... Dito isso, é compreensível que essas pessoas inventem para

si uma sociedade berbere como eles gostariam que fosse, de acordo com suas necessidades atuais.

Mouloud Mammeri – Eu também acho. Há uma espécie de projeção das aspirações do presente sobre a realidade do passado. Os berberes são marginalizados, diminuídos, não reconhecidos, não legítimos. Eles tendem a dar à antiga sociedade berbere todos esses atributos que vemos que lhes faltam atualmente. Aqui, não sei se posso acrescentar que essa visão não é necessariamente mais falsa do que as outras. Eu conheço todos os argumentos que podem ser colocados contra mim. Eu tendo a acreditar que existe um olhar antropológico que desencanta o mundo despidendo-o. Entretanto, se o mundo encantado é uma amplificação, o mundo despido é uma restrição. Essas são duas formas de dissimulação que talvez sejam também reveladoras uma da outra. A Cabília encantada ainda é a Cabília, porque eu acho que não se pode construir tudo do nada. É necessário um pretexto, talvez apenas um texto. É provável que, para um sociólogo como você, essa opinião pareça completamente impertinente. Eu queria somente submetê-la a você para obter sua opinião a esse respeito.

Pierre Bourdieu – Sim. As ciências sociais encontram problemas muito difíceis, especialmente quando elas são aplicadas a sociedades em dificuldade de existir... Como os Canaques de hoje, os berberes etc. Aqueles que são colocados nessas situações críticas, em que a identidade coletiva está em crise, e, especialmente, evidentemente, os intelectuais desses grupos são propensos a projeções mais ou menos fantasiosas. A sociedade berbere, como sonhada por seus intelectuais, lembra o que Feuerbach disse sobre Deus: assim como damos a Deus tudo o que nos falta – somos finitos, Ele é infinito; somos imperfeitos, Ele é perfeito – assim damos à antiga sociedade berbere tudo o que a sociedade berbere não tem hoje, tudo o que lhe falta. E, nessa reconstrução fantasiosa, até mesmo a melhor etnologia pode ser usada como um instrumento ideológico de idealização. É uma forma de milenarismo... que é muito compreensível, mas que, no entanto, continua sendo muito perigosa, pois ela conduz a problemas como da unidade dos Berberes.

Eu dizia anteriormente que os cabilas haviam me ensinado que o mundo social é, para uma grande parte, o que nós queremos que ele seja. Eu intitulei um capítulo de *O Senso Prático* (acho que é o capítulo sobre o casamento) “O Mundo Social como Representação e Vontade”¹⁷, seguindo o título de um famoso livro de Schopenhauer. Esse é o limite puro do nominalismo idealista. Dizer que o mundo é minha representação e minha vontade, quando se trata

17 N.T.: Possivelmente, ele faz referência ao primeiro capítulo do livro dois de “O senso prático”: “A terra e as estratégias matrimoniais”.

do mundo social, não é completamente maluco, porque há uma elasticidade no mundo social, pelo fato de que o mundo social existe em parte pela representação que fazem as pessoas que nele vivem, e que os berberes, ou outrora o clã dos *Aït Abdeslam* ou a tribo dos *Aït Menguellat*, ou o que quer que seja, se as pessoas acreditam que isso existe, isso já existe um pouco. Portanto, o fato de desenvolver representações, mesmo que sejam um pouco delirantes e que contenham um grau de milenarismo mítico, pode ter uma virtude política.

Isso faz com que o sociólogo esteja um pouco encurralado, como dizia Marx, entre o utopismo e o sociologismo. Ele pode dizer: “Os berberes, isso não existe. Os Mozabitas, os Cabilas, os Chaouias, os Tuaregues, isso não têm nada a ver”. São estruturas sociais diferentes, estruturas de parentesco completamente diferentes, para não mencionar as bases econômicas ou tradições religiosas. Evidentemente, eles têm uma linguagem comum e olhe lá etc. Isso é sociologismo e o sociologismo foi muito frequentemente utilizado pela potência colonial, que divide para reinar. Dito isso, o fato de as pessoas dizerem que “os berberes são berberes” ou “berberes de todos os países uni-vos!” é um fato social: dizendo isso, eles podem fazer com que isso aconteça. Mas eles têm ainda mais chances de fazer isso acontecer se o que eles dizem esteja mais fundado na realidade, que seu utopismo tenha bases sociológicas, se os berberes ou o mundo berbere sonhados tenham fundamentos na realidade, um nome, uma língua, a crença na unidade de origem etc. O problema é o mesmo para as classes sociais: a classe também é representação e vontade, mas ela só tem a possibilidade de se tornar um grupo real se a representação e a vontade não forem completamente malucas e tiverem uma base objetiva na realidade.

Mouloud Mammeri – Eu penso que, se deveríamos citar apenas um exemplo, o melhor é o da democracia. Dizem: a sociedade cabila, ou a sociedade berbere de uma forma geral, era democrática. Eu creio que é verdade. Contudo, ao mesmo tempo, pensa-se como se essa democracia fosse um atributo inseparável e obrigatório dessas sociedades, ou, o que equivale à mesma coisa, o resultado de uma escolha feita exatamente assim, no empíreo, sem restrições ou determinações. Mas, pelo menos no que diz respeito à Cabília, o poder turco era praticamente inexistente, aliás, como qualquer outra forma de Estado. Isso significa que, se realmente queremos salvar a democracia como um atributo essencial da sociedade cabila ou berbere de uma forma geral, devemos também querer as condições sem as quais ela não é mais do que um fruto da imaginação ou, na melhor das hipóteses, uma utopia mobilizadora.

Pierre Bourdieu – Em todo caso, o fato de as pessoas acreditarem que um grupo existe, lutarem por sua existência, contribui para sua existência. Eu

poderia falar novamente por analogia, evocando o caso da Occitânia¹⁸. A Occitânia não tem muito fundamento na realidade. Os occitanos (*occitanistes*), a fim de lutar contra o domínio da língua francesa, criam uma linguagem artificial, que as pessoas não entendem mais.

Mouloud Mammeri – As pessoas, são todas ou apenas algumas?

Pierre Bourdieu – Os occitanos “ordinários” não entendem seus próprios idiomas (*le béarnais, le landais, le bigourdan etc.*) quando eles os leem nas transcrições unificadas dos eruditos locais. Você consegue imaginar as transcrições berberes dos *Pères Blancs*?... Quem poderia lê-los em cabila? Reelabora-se um idioma erudito. O verdadeiro fundamento para a unidade da Occitânia é o fato que se trata de uma região dominada, reunindo pessoas que são estigmatizadas porque elas não têm o sotaque certo. Essa já é uma base real para a unificação.

Mouloud Mammeri – Essa é uma definição negativa.

Pierre Bourdieu – Sim. Existe sem dúvida mais algumas tradições culturais específicas. Dito isso, se as pessoas começam a acreditar, se começam a colocar “*oc*” em seus carros etc., não é impossível que que haja um dia um Estado occitano... Essa é a elasticidade do social.

Mouloud Mammeri – O que você diz me faz lembrar de nossa entrevista na revista *Actes de la recherche en sciences sociales*. Você deve se lembrar talvez que, em certo ponto, falamos sobre *tamusni*, a sabedoria cabila. Para mim, a *tamusni* existia, porque eu mesmo vivi nessa atmosfera quando eu era jovem. Alguns cabilas, que leram o artigo, vieram me dizer: “*Tamusni*, nós sabemos o que é, mas todas essas coisas que você colocou em torno dele?”... Para mim, todas essas coisas existiam. Mas, diante dessas reações, eu fui levado a me perguntar se eu não tinha dado de *tamusni* uma imagem fiel, sem dúvida, mas talvez um pouco...

Pierre Bourdieu – Um pouco exaltada?

Mouloud Mammeri – Um pouco exaltada... talvez de acordo com minhas expectativas, eu não sei. Porém, eu continuo a acreditar que ela seja no fundo verdadeira. Porque algo bastante surpreendente aconteceu em seguida. As mesmas pessoas que me haviam criticado por falar de *tamusni* dessa forma vieram até mim algum tempo depois para me dizer: “Você não disse tudo: você esqueceu isto, você esqueceu aquilo...” Ou seja, as coisas que eu havia falado eram praticamente como eu as havia dito, mas talvez eles não tivessem pensado o

18 N.T. A Occitânia (Occitanie em francês) é uma região administrativa criada pela reforma territorial de 2014. Entretanto, historicamente, essa palavra foi utilizada para designar a particularidade cultural e linguística (langue d'oc ou occitan) da Europa do sul.

suficiente sobre elas. Era preciso que alguém lhes dissesse para que finalmente eles tomassem consciência delas.

Pierre Bourdieu – As questões das palavras têm uma importância decisiva nesses assuntos. Não é a um cabila que eu vou ensinar que há grupos que existem apenas pela palavra que os designa. Esse é o caso, na tradição ocidental, das famílias nobres. Como o nome é transmitido pelos homens, uma linhagem pode desaparecer quando o último homem morre sem descendência. É a mesma coisa na Cabília. Então, não é por acaso que, nas lutas pela independência, ou seja, pelo “reconhecimento”, as palavras têm tanta importância... Sobre os *Canaques*, o debate é sobre a ortografia: há uma luta para saber se escrevemos “*Canaque*” ou “*Kanak*”; *Kanak* é nacionalista, *Canaque* é colonial.

Mouloud Mammeri – Isso me lembra um caso um pouco semelhante na Argélia. O discurso oficial, até muito recentemente, recusava até mesmo o simples uso da palavra “berbere”. A imprensa, os discursos oficiais e os meios de comunicação se desdobraram para inventar novos termos: magrebino, tradicional, original, africano, *libyque*¹⁹... desde que o termo verdadeiro fosse evitado. Uma espécie de retorno à mentalidade mágica no Século XX, o medo irracional – a reflexão, não tanto, o medo irracional de que a verbo acabe por fazer o ser...

Pierre Bourdieu – Desde o momento em que as pessoas acreditam que ele existe, o grupo começa a existir... esse é o grande paradoxo do mundo social. Na sociedade tradicional, é exatamente a mesma coisa: os termos de parentesco e as taxonomias políticas (*axxam*, *adrum*, *taxerrubt* etc.) estruturaram a percepção do mundo social, dos outros e, conseqüentemente, as relações que podemos estabelecer com eles. Dito isso, essas estruturas, como vemos no uso dos termos de *adresse*²⁰, podem servir de funções diferentes. Isso é o que faz que exista uma espécie de elasticidade do social, e precisamente *tamusni* – é, me parece, uma de suas virtudes – é a arte de jogar com as possibilidades que oferece essa elasticidade das palavras e das estruturas que elas designam e produzem de cada vez.

Mouloud Mammeri – De jogar com maleabilidade, ou seja, às vezes, permanecendo dentro do jogo, dentro das normas, mas com uma certa margem de manobra, saindo quando necessário, mas somente o necessário... é preciso que não se rompa... Joga-se até o limite em que o que se arrisca não é apenas mudar as regras do jogo, mas quebrar o jogo.

19 N.T.: Referência à Líbia antiga e seus habitantes berberes.

20 N.T.: Em francês, *adresse* pode significar: 1) Destreza nos exercícios e movimentos corporais; 2) Mentalidade fina e sutil em ação ou conduta; 3) Designação do lugar onde podemos encontrar alguém. Cf. Dicionário da academia francesa: <<https://www.dictionnaire-academie.fr/>>.

Pierre Bourdieu – Sim, para os berberes é o mesmo. Tem que haver uma base; portanto, um limite. Se não há base, não funciona. Alguém que hoje diria algo como “Vamos fazer a união dos burgueses e dos proletários” não tem muitas chances de sucesso. Em tempos de guerra, como vimos em 1914, isso pode funcionar. Mas, em tempos ordinários, temos mais chances de êxito dizendo: “Proletários, unam-se!” Esse é o problema das unidades sociais: para que elas existam, devem haver bases objetivas; mas não é suficiente que haja bases objetivas para que elas existam. Os berberes podem ser agrupados de trinta e seis maneiras. Se um agrupamento prevalece sobre os outros, é em parte porque as pessoas o fizeram existir.

Mouloud Mammeri – Ou o que, eu acredito, aconteça com bastante frequência, porque esse agrupamento, em um dado momento e por determinadas razões históricas, conduz e dinamiza um projeto no qual os outros se reconhecem...

Eu quero dizer que as condições históricas precisas podem empurrar um grupo específico e quase forçá-lo a uma reação mais intensa... Teremos a impressão que existe uma forma... eu não sei como dizer... uma forma mais afirmada. Mas os outros, que estão basicamente na mesma situação que ele, sentem que ele também os expressa. Tenho medo de ir longe demais, mas eu estaria inclinado a acreditar que, um certo número de condições objetivas estando reunidas, haverá necessariamente um grupo para levá-las em conta; esse grupo, com ou sem razão, dará a impressão de que ele existe, de alguma forma, mais do que os outros.

Realizado em Paris, fevereiro de 1985

Recebido em: 12/01/2022

Aprovado em: 23/05/2022

Como citar esta entrevista:

BOURDIEU, Pierre e MAMMERI, Mouloud. Sobre o uso apropriado da etnologia. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 12, n. 1, janeiro - abril 2022, pp. 011-031.